

22/0003515

MINISTÉRIO DA FAZENDA
MINISTRO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Brasília, 21.05.93
Transmissão do cargo

Min - Senhor Ministro Eliseu Resende, senhores ministros, senhores governadores, senhores senadores e deputados, empresários, diplomatas, senhoras e senhores, amigos presentes.

É com muita emoção e também com muita confiança que eu recebo neste momento, das mãos do ministro Eliseu Resende, a responsabilidade de levar adiante um projeto de País (porque disso se trata), que já tem seu rumo no horizonte.

Quero conversar, dizer que pude acompanhar de perto o esforço do Ministro Eliseu Resende, na elaboração desse programa de Governo. Sabe sua excelência, que embora não fosse matéria afeta a pasta que eu então dirigia, eu não polpei esforços para que fosse possível dar ao país um caminho.

Esse caminho hoje é um caminho que tem o apoio do Presidente Itamar Franco e que está sendo referendado nas discussões e nas leis pertinentes que ainda faltam ser aprovadas pelo Congresso Nacional.

Assisti o trabalho do Ministro Eliseu Resende, vi seu estilo chinês de trabalhar. Trabalha com persistência, quase não eleva a voz, dá impressão as vezes que vai ceder, mas quando tem convicção, não cede. Fui testemunha disso e quero deixar neste momento registrado, que o esforço do Ministro Eliseu Resende permitiu que nós hoje tivéssemos, como temos, um rumo na nossa economia.

Eu estou voltando de uma viagem de mais de dez dias, há três que não durmo, estava no Japão. Estive nos Estados Unidos antes de ir ao Japão. Conversei com as autoridades políticas, da área financeira e da área diplomática. Posso lhes assegurar (alguns dos meus colaboradores sabem disso, e no Japão há testemunhas), que não tive dificuldades em poder afirmar qual é o caminho do Brasil. E não tive, porque eu praticamente repeti o que disse, agora, o Ministro Eliseu Resende. Aleguei talvez uma perspectiva, que eu quero compartilhar hoje aqui.

Quando perguntado e fui com insistência, por chanceleres, ministros, não só dos Estados Unidos e do Japão, mas também dos países latino-americanos. Quando finalmente o Brasil vai despertar para o desafio do mundo contemporâneo? Eu disse que nós já fizemos as reformas, só que não percebemos. As reformas brasileiras não foram no nosso governo, nem no Governo Itamar Franco, nem nos governos anteriores, foi a sociedade.

O caminho já está traçado. Está traçado na vontade de um país que não só sabe das potencialidades que tem, como se cansou da desordem. Nós já começamos a arrumar a casa.

O Ministro Eliseu Resende mencionou o projeto de privatização, e disse que não se trata de uma questão

ideológica; e é verdade. Qualquer que seja a pessoa que tome assento na cadeira do Presidente da República, ou nos ministérios concernentes com essa matéria, verá, olhando nos números que não há escolha.

Não há escolha não por um debate ideológico, se deveríamos ou não ter tido um setor produtivo estatal, se não tivéssemos tido, não teríamos o desenvolvimento que hoje temos.

Não há escolha porque hoje não há mais capacidade do Tesouro, nem é possível extrair mais impostos da sociedade, para gastar estes recursos em empreendimentos que são de risco e muitas vezes, não dão certo. Como é natural na empresa econômica. Não corresponde mais. Isso não é um rumo aceito.

Discute-se outra coisa. O modo de fazer, a clareza nas operações, a lisura no procedimento, e o destino que se há de dar aos recursos gerais, que é um patrimônio do povo, tem que ser portanto um destino muito bem cuidado. E disse bem o ministro Eliseu Resende. Uma parte importante substancial destes recursos há de ser para fazer frente à dívida mobiliária do Tesouro. É diminuir a pressão sobre o Tesouro, que por consequência vai permitir que haja um declínio na taxa de juros.

Então não é só por isso que este país hoje, tem sinais sensíveis de que é um país que sabe seu caminho. Quantas vezes discutimos a questão do protecionismo na economia brasileira? Tanto é, que ainda recentemente foi publicado um relatório, numa agência oficial dos Estados Unidos, que diz uma coisa que nós já sabíamos, talvez não tenha sido registrado lá fora: é que a tarifa média de importação no Brasil hoje é de 17%, a real, a executada. O que aconteceu. A partir de primeiro de junho vai ser 14. A do Chile é 11, exemplo de economia que se abriu e se abriu mesmo a do Chile. A nossa também se abriu.

Os nossos empresários também se ajustaram, alguns perderam. Nós já fizemos isso. Nós já temos uma economia que está em franco processo de abertura. E melhor, sem que disso tivesse derivado do sucateamento da indústria nacional.

Isso não significa, que nós não devemos ter uma forte política industrial, baseada e fortemente num desenvolvimento tecnológico-científico. Temos que ter. Porque foi até arriscado o rumo tomado, de uma abertura sem as pré-condições. Mas a virtude não foi do Governo, foi da sociedade, que enfrentou o desafio e continuou competindo e exportando. As nossas exportações, estão atingindo, se tudo der certo e há de dar, chegando ao patamar dos 40 bilhões de dólares ao ano.

As nossas reservas são hoje, como disse o Ministro, volumosas; e isso custou ao país. Custou falências, custou desânimo, custou laboratórios que deveriam ser equipados e

não que foram, custou salários baixos, insuportavelmente baixos, custou o agravamento da concentração de renda. Custou muita coisa.

Mas com esse custo o Brasil de alguma maneira, se situou de novo, como país que está inserido num processo mais amplo de competição e que tem todas as condições de dar mais passos positivos. O balanço do Brasil é positivo.

Aprendi nos números do Ministro Eliseu, nos números da República, que a dívida mobiliária do Tesouro, interna, é da ordem de trinta e poucos bilhões de dólares. O ativo líquido das empresas estatais, é de cem bilhões de dólares. Não é um país que esteja insolvente, nem em falência muito menos. É um país que tem condições de avançar.

Quando se compara essa dívida com o produto bruto, mesmo sem chegarmos aos cálculos mais atualizados e exagerados, refeitos mais recentemente por organismos internacionais; nós temos um produto bruto que deve estar por volta de 450 bilhões de dólares. A dívida mobiliária interna não atinge 10% do produto.

A externa hoje, que está sendo negociada e bem negociada, ficaria um pouquinho mais recentemente, um pouco mais de 40 bilhões de dólares com os bancos privados. Quarenta e um, quarenta e dois bilhões de dólares, para com os bancos privados estrangeiros. Compare-se isso com o produto.

Comparem com qualquer país do mundo. Não vou falar dos Estados Unidos, porque eu saí do Ministério das Relações Exteriores, não posso fazer comparações desagradáveis. Mas a dívida interna americana é infinitamente maior, e a Itália, e outros países da América-latina. Compare com o estado de insolvência da economia brasileira em termos do balanço comercial ou para com outros países da América-latina destes que estão indo bem. É uma situação razoável.

Nós temos que voltar a acreditar em nós. Nós temos que talvez usar muitas palavras que, muitas vezes vão perdendo, pela falta de uso, o significado real. Temos que ter dignidade nacional. Temos que tomar nosso rumo, e tomado o rumo, acreditar nele. Isso não significa má sorte, nem significa que o Ministro da Fazenda não saiba das dificuldades, já falarei delas. Nem significa que estejamos contentes.

Em mais de uma oportunidade declarei, que a ilusão de pensar que o Brasil é um país de primeiro mundo, termina aqui dentro quando se olha para o povo, para favelas, para o desemprego, para as áreas rurais em condições de miséria. Em primeiro mundo não tem nada disso. Nós temos tudo isso.

Temos que ser duros na sustentação de políticas sociais, que permitam uma recuperação. Porque não haverá dignidade nacional, sem a dignidade da pessoa humana. Tudo isso é verdade. Daí a ênfase na chamada sensibilidade social

que o Presidente Itamar Franco tanto prega e insite, com razão.

Sei também que há um fantasma. Outro ator clássico dizia que um fantasma rondava a Europa, era o da revolução, o da fome. Não é esse o nosso fantasma. Nosso fantasma é um fantasma que aparece menos vezes e se corporifica menos vezes, mas que nos tortura no dia a dia. Nosso fantasma é uma espécie de peste, é uma praga, é o flagelo do povo. Chama-se inflação.

A inflação corrói os salários e esburaca os cofres do Tesouro. Quando os preços são livres algumas empresas podem até ganhar, mas o povo não, o assalariado não. E o aumento que será dado hoje é perdido no dia seguinte. Quem tiver realmente amor à melhoria de condição de vida do povo, tem que ter o olho muito pregado na inflação.

E o que nós dissemos, o Ministro disse e eu concordo com ele, de que nós temos que fazer um esforço para a retomada do crescimento, que por enquanto, temos alguns sinais positivos em termos de fazê-lo. E é bom que haja exportação e que não colida, como não colide com a situação do mercado externo.

Quando nós dizemos tudo isso, de que vamos incentivar; o programa que contempla, e precisa contemplar a agricultura. Contempla a reconstrução de estradas, contempla a formação de mecanismos que permitam agilizar a construção civil, que contempla através da habitação.

Quando nós dizemos isso, nós não dizemos na irresponsabilidade de quem emprega sem se preocupar com as consequências com a inflação. O orçamento tem que ser executado de acordo com a disponibilidade do Tesouro. Não há outro remédio.

O Ministro Eliseu disse com orgulho, que não colocou o nome dele sobre nenhuma cédula. Quisera eu fazer o mesmo. O Ministro sabe que é mais difícil no segundo semestre. Nós estaremos lutando para sobreviver ao semestre, para chegar ao outro. E no outro será mais fácil.

Acredito portanto, que o Brasil também deseja isso. Precisamos tornar um desejo palpável, uma reivindicação igual àquela que os funcionários públicos pedem aumento de salário (tem que pedir por causa da inflação), mas que peçam com igual ênfase.

E os homens de empresas de Governo, que o governo olhe pelas contas públicas. Que o governo não gaste o que não pode. Porque senão, nós estaríamos praticando uma hipocrisia, dando com uma mão e tirando com a outra. Damos com a esquerda que é menos destra, e tiramos com a direita que é mais rápida. Isso não se faz na justiça social.

A justiça social requer uma atenção muito grande às questões que dizem respeito à política monetária e à inflação. Um desafio é conciliar estes programas. O desafio é não tomar um ponto de vista que se faça controlar a

inflação a qualquer custo. E como homem público, eu não concordaria também.

Os japoneses são tidos com pessoas conservadoras, principalmente em matéria financeira. Ouvi de um dos ministros japoneses, o mais apto na área da fazenda, que compreendia perfeitamente bem, que um país como o Brasil não pode fazer uma política que leve ao aumento de desemprego, à paralização das fábricas, e a fome do povo. Esse é o nosso limite.

Mas são limites que não nos devem abater, porque como disse, já houve a transformação da mentalidade da sociedade brasileira. As grandes leis, pelas quais setores importantes do país ansiavam, a lei de patentes, estão aí, com as modificações que o Congresso introduz. Porque nós somos uma democracia, continuaremos a ser uma democracia e não há o menor perigo de deixarmos de ser. Temos anjos da guarda, que nos protegem contra qualquer possibilidade, qualquer tentação, que não vem da parte daqueles, que no passado diziam que aqui fomentavam. Vem da parte dos desesperados, porque quando perdem poder político, que imaginam poder haver solução mágica.

Não há magia, nem na economia nem na política. Só há uma coisa a fazer: seriedade, competência e trabalho.

Eu quero agradecer ao Presidente da República pela confiança depositada em mim. Sabe Sua Exa., também poucos sabem, que estão próximos a mim, que eu não aspirei essa posição. Sabe Sua Exa. que eu resisti. Sabe Sua Exa. que de madrugada os diários oficiais funcionam, enquanto os ministros dormem.

Mas sabe Sua Exa. que o ministro não falha ao chamado do país, qualquer que seja o sacrifício. Posso lhe dizer que no meu caso pessoal, tenho uma certa cota. Os meus companheiros de trabalho do Itamarati perceberam o empenho, a dedicação e o entusiasmo com que eu estava lá. É uma grande casa, uma casa que merece o respeito e a admiração do país.

Há no Itamarati pouco mais que 800 diplomatas. Outro dia dizia a um deputado, dirigente bancário: O Itamarati é um banquinho pequeno, que faz muito barulho. E como os banquinhos pequenos, uma casa que está sempre precisando de recursos. Quem sabe agora, o Ministro da Fazenda possa ajudar, como o Ministro Eliseu já podia e ajudou, ajudar. Só que agora o Ministro da Fazenda tem que ter o olho na inflação, na escassez e vai ajudar passimoniosamente. E o ministro da Ciência e Tecnologia que está aqui ao meu lado, a ciência está assegurada.

Mas, falando seriamente, é uma grande casa o Itamarati. Eu procurei dar o melhor de mim lá, aprender. Quase aprendi o protocolo. E gostei sinceramente, porque encontrei um ambiente muito produtivo. Tive o prazer de trabalhar numa instituição na qual o Ministro quando chega,

não pode nomear ninguém. Tive dois assessores pessoais, que são do Senado.

Não nomeei ninguém. Não sou do estilo de quebrar louça. Procuro tirar das pessoas o que as pessoas podem dar. Quase não modifiquei e quando modifiquei, incentivei aqueles que por ventura tivessem sido alcançados pela modificação, para que desempenhassem outros papéis positivos. A resposta foi muito boa. O Ministro atual sabe disso e me ajudou muito. O embaixador Rubens Barbosa me ajudou muito. Não vou citar um por um, porque tem vários aqui.

Mas a verdade é que eu me senti muito a vontade no Itamarati. Não por virtude minha, mas por virtude da casa. Não aspirava outra posição. Mas há momentos em que não se tem que fazer este tipo de consideração. Nem uma outra, nem eleitoral.

O meu partido tem dado um apoio, mais do que eu talvez merecesse. Continuou dando. Meus companheiros de partido estão todos aqui.

Sabem também que isso é típico do PSDB, que isso aqui é um ministério técnico, que tem responsabilidades políticas nacionais. E portanto o Ministro vai atuar dessa maneira. Como atuei no Itamarati. Não sei até hoje, nem sequer a que tendências, pertencia um ou outro dos que trabalharam comigo.

Aqui nós temos um grande partido, é o Brasil. O Brasil precisa de nós. Não posso fazer nada aqui sozinho, eu preciso de vocês. Eu preciso do Presidente da República muito. O Presidente ele é um companheiro. Fomos companheiros de lutas partidárias no passado, é meu amigo, tenho respeito por ele, tenho carinho por ele, porque ele é uma pessoa que também devota um sentimento de afeto, àqueles com os quais ele tem afinidade.

Eu vou precisar do apoio irrestrito do Presidente, como ele terá o meu. Não pode haver aí a mais mínima, como não haverá, dificuldade. Eu preciso dos meus companheiros de ministério e muito. Eu preciso dos deputados e senadores, do meu partido e de outros partidos. Não sou pessoa de sectarismo, todos sabem disso, tenho amigos em todos os partidos. Não há como os problemas, os desafios de hoje, sejam desafios que se possam estreitar sectariamente. O desafio é amplo, é nacional.

Mas eu preciso sobre tudo, não eu, o Brasil (que por acaso neste momento, em algumas matérias, por meu intermédio), é da sociedade. Eu preciso dos empresários, que estão aqui muitos deles, eu agradeço. Eu preciso dos líderes sindicais e dos trabalhadores. Eu tenho a satisfação de dizer que eu criei um Conselho Empresarial no Itamarati que me ajudou muito.

Mas também tenho a satisfação de dizer que, talvez pela primeira vez na história do Itamarati, líderes

sindicais, presidentes das centrais sindicais, participaram de discussão sobre política externa. O Brasil mudou. O Brasil hoje é no diálogo, é na negociação. Quando for necessário não ceder, não cede. Mas o argumento deve ser ouvido.

Nós vamos precisar dos trabalhadores. Da classe média que nesse momento de dificuldade, de inflação é quem tem seus ganhos mais corroídos, dos homens e das mulheres. Nós temos que fazer tudo isso pensando que esse país, que é viável, que está aí, a nossa frente falta tão pouco, para que nós possamos dar um salto importante. Esse país tem que ser regido pelos milhões de jovens que aqui estão.

Não é na minha geração. Essa de alguma maneira, já correu seus riscos, teve suas venturas e desventuras. Mas aos que estão nascendo, aos que estão saindo das universidades, aos que são súplices porque não vêm caminho, não vêm emprego, não vêm a trilha que mencionava o Ministro da dignidade concreta, pessoal, de poder acreditar.

Eu peço a todos só isso: vamos acreditar, me ajudem a acreditar. Vamos acreditar juntos, que nós vamos realmente combater essa inflação. E que nós vamos sim segurar os gastos quando for necessário, com convicção, sem medo. E que nós vamos fazer com que haja uma retomada efetiva do crescimento, que não vai ser de nada, vai ser contínuo.

Porque esse país só tem futuro, se ele tiver crescendo economicamente. Porque se ele não crescer, nós não temos outra alternativa.

Eu preciso de vocês. A tarefa é muito maior do que o seu eventual responsável. Eu sei também das minhas limitações e nunca tive medo de dizê-las. Contarei com a colaboração dos políticos, dos técnicos, do Governo. Dos economistas, eu preciso também, e muito. Com humildade. Quem não sabe as suas limitações não tem condições de comandar. Só pode comandar quem é capaz de ouvir, só pode comandar quem depois de decidido é firme e não permite indiscrepância entre os que estão do mesmo lado. Eu quero coesão.

Enquanto eu for ministro da Fazenda, pela política econômica falo eu. Nunca falarei sem o apoio do Presidente da República. Estaremos afinados, mas de política econômica falo eu. Quem quiser discordar pode, discutindo internamente. Se tiver razão, tudo bem, convence. Uma vez decidido, a decisão é comum, e vamos juntos.

Finalizo agradecendo mais uma vez ao Ministro Eliseu Resende, ele foi um bravo. A história as vezes toma velocidades insuspeitadas e que levam a atropelos desnecessários. Agradeço muito por ele ter ajudado o Governo Itamar Franco, num momento difícil, a construir um caminho. E nós estamos aqui para pavimentar esse caminho.

Nós vamos pavimentar, tenho muita confiança. Muito Obrigado a todos.

. . .